

ANA GUIOMAR DE CAMARGO CAMPANHOLI

PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO CICLO  
BÁSICO SOB A ÓPTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

CAMPINAS, 1989.

ANA GUIOMAR DE CAMARGO CAMPANHOLI



PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO  
CICLO BÁSICO (primeiras e segundas séries do 1º  
grau), SOB A ÓPTICA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Trabalho de aproveitamento do Curso de  
de Especialização em Educação Física  
Escolar da Faculdade de Educação Física  
da UNICAMP.

Orientador: WAGNER WEY MOREIRA

## ÍNDICE

I - INTRODUÇÃO.....	02
1.1. Preocupações existenciais.....	02
1-2. Abordagem histórica.....	04
II- PROBLEMAS DO MODELO TRADICIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
2.1. Falta de conhecimento e preparo...	06
2.2. "Competência" na Diretividade e no Rendimento.....	09
2.3. Hábito de Passividade e Disciplina Corporal.....	14
III-PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOB VALORES DIFERENTES	
3.1. Superar a dualidade corpo-mente...	20
3.2. Valorizar a ludicidade e a <u>cria</u> tividade.....	24
CONCLUSÃO.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	30

## I - INTRODUÇÃO

### 1.1. Preocupações existenciais

O questionamento é sobre a importância da Educação na Escola, para as primeiras e segundas séries do 1º grau ( Ciclo Básico ), dado as divergências que existem entre uma certa " ordem " ditada nas escolas e a realidade concreta de cada criança.

No início do trabalho com o Ciclo Básico, o problema foi justamente entender e conseguir canalizar, toda essa falta de liberdade que os alunos queriam extravasar nas minhas aulas, e que na condição de " autoridade máxima ", eu deveria manter a disciplina imposta pela escola ( Questão do Senhor-Servo, que trataremos a seguir ).

Esse fato me colocava em conflito comigo mesma, onde de um lado, eu acabava me achando incompetente, e por outro achando um absurdo a visão que as pessoas que compõem a escola têm em relação à Educação Física.

Fica difícil conciliar a prática de atividades corporais com a contradição que há dentro da escola, onde a ordem vigente, impõe um modelo de comportamento que vai totalmente contra a natureza da criança, e retrata a Educação Física, como sendo a educação somente do físico. É por isso que, muitas crianças quando vêm para a aula de educação física, estão cansadas da repressão, imposta na classe, onde se valoriza apenas a educação cognitiva condenando o corpo a ficar imóvel para não atrapalhar, onde nada é permitido; que as mesmas querem fazer o que bem entenderem sem seguir certas normas.

Embora, isso não aconteça com todos os alunos, logo sur-

gem comentários de que, a aula de educação física é tumultuada, e o que não se discute ( e deveria ser discutido ), é a validade ou não de uma educação imposta; e até que ponto, a criança incorpora um determinado conhecimento, que lhe é dificultada a vivência corporal e a conscientização do mesmo.

Gerar conflitos na criança, é dar-lhe a oportunidade de refletir sobre o seu ato, e adquirir novos conhecimentos. Para tanto, é preciso que essa criança receba uma educação, cujo ponto de partida seja a sua própria cultura, para depois, através de valores como, a ludicidade , a criatividade, possamos levá-la à educação erudita, possibilitando-lhe uma consciência crítica da sociedade em que está inserida.

## 1.2. Abordagem histórica

Saviani (1982), ao tratar das concepções de Filosofia da Educação, classifica-as dentro de três linhas mestras: as Teorias não Críticas, as Teorias Crítico-Reprodutivistas, e as Teorias Histórico-Críticas de Filosofia da Educação, sendo que fazem parte das teorias não críticas, a concepção Humanista Tradicional, a Humanista Moderna e a Analítica. Para as teorias não críticas, a Educação é autônoma em relação à sociedade, cabendo-lhe corrigir possíveis distorções dessa sociedade; de onde provêm as rotulações de "entusiasmo pedagógico" e "otimismo pedagógico" referentes respectivamente às concepções Humanista Tradicional e Humanista Moderna de Educação.

Ao levarmos essa visão de filosofia para dentro de uma escola, deparamos com uma série de contradições e problemas em à educação que se ministra aos alunos, onde a influência das tradições herdadas das teorias não críticas, a tornam marcadamente repressora, onde constatamos que, a criança para ser "boazinha", tem que passar mais de quatro horas dentro da sala de aula, sem abrir a boca para conversar, sem se movimentar, sem opinar sobre o que está aprendendo.

O professor de classe age como se estivesse, no tempo da Grécia-antiga, em que a pedagogia da essência predominava e se vê como o Senhor à frente de seus escravos (os alunos).

Essa redoma, que o próprio professor se fecha, é uma forma cômoda de dar aulas, pois o processo ensino-aprendizagem se dá por via única, isto é, professor-aluno, sem que haja troca, sem que o aluno possa expor seus pensamentos, mostrar sua própria cultura, para que ambas as partes interajam entre si.

O problema é que, esses professores (Concepção de Educação Tradicional) quando recebem a criança na escola, deixam de considerar toda a sua cultura anterior e passam a vê-la a partir daquele momento, como se a mesma começasse a aprender somente após seu ingresso à escola.

Essas contradições também se fazem presentes em rela-

ção à Educação Física, e é por isso, que às vezes somos taxados de " incompetentes" e nossos alunos de " rebeldes ". Acontece ' que essa problematização está centrada na divergência entre os próprios professores, onde, enquanto uns valorizam a si próprios ( Tradicional ), outros valorizam demais as crianças ( Nova ) e outros valorizam os conteúdos ( Progressista ).

É necessário que haja um consenso, para que o aluno não saia prejudicado; pois se desconsiderarmos sua cultura, estaremos discriminando-o, se deixarmos essa cultura permear todo o processo educativo, estaremos caindo num espontaneísmo generalizado, que não levará o aluno à novas aquisições de conhecimento.

Assim sendo, a nossa preocupação estará voltada para a realização de uma educação, onde o que interessa é o ser humano concreto e participante.

## II - PROBLEMAS DO MODELO TRADICIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

### 2.1. Falta de conhecimento e preparo

A implantação da Educação Física no Ciclo Básico é recente, e ainda está sem um programa bem elaborado. Embora as aulas de educação física, tenham grande valor para o desenvolvimento dos alunos, infelizmente muitos profissionais da área, não estão devidamente preparados para ministrá-las.

Muitos dos professores antigos se recusaram a ministrar essas aulas para as primeiras e segundas séries. pois estavam acostumados com suas aulas de quinta série em diante, onde tinham domínio da situação, e bem ou mal davam aulas.

A educação física no ciclo básico causou um certo "desconforto", pois passou a exigir um esforço maior por parte do professor, cobrando-lhe criatividade para lidar com a curiosidade das crianças e muito fôlego para canalizar toda a energia das mesmas. Bem por isso, houve uma grande oferta dessas aulas para professores recém-formados ou cursando o último ano, que sem ter experiência acabavam dando atividades às crianças, mas sem ter consciência do que estavam fazendo. Isso tem muito a ver com o quadro de formação de profissionais nessa área, pois, no que diz respeito à Educação, principalmente a motora, tanto nas escolas de formação de magistério, como nas de educação física; a formação profissional deixa a desejar.

E a permanecer a atual concepção existente na escola ,

de que há um conjunto de matérias dedicadas à formação intelectual e uma outra que reúne conteúdos voltados para a formação corporal, dificilmente as escolas de formação de professores se transformarão de modo a capacitar os profissionais de ensino à administrar uma educação integral. Em consequência disso, a escola idealiza um aluno-padrão totalmente fora de realidade ( Psico-Pedagogização ), e que acaba encontrando na Educação Física, um espaço e um tempo para esvaziar toda essa repressão ao corpo. Surgem então, as críticas à educação física: de um lado os professores de classe reclamando dos horários, do barulho, da roupa suja dos alunos, da hiperatividade pós-aula, alegando inclusive ( alguns professores ), que depois das mesmas os alunos não rendem mais em classe.

Falta à esses professores, uma melhor compreensão do papel das atividades físicas na educação escolar, por exemplo: o pular corda, o jogar queimada, o brincar de amarelinha; aparentemente podem parecer banais, mas desde que se tenha conhecimento da relação entre a representação mental ( simbólica ) e o mundo concreto da criança, passa-se a reconhecer na atividade corporal o meio para que essa transposição ocorra.

A criança só transforma em símbolos, aquilo que pode vivenciar corporalmente, e isso, só é possível através da atividade corporal; só que a escola no geral, exige que o aluno passe horas sentado na carteira falando e ouvindo coisas completamente desvinculadas da atual realidade dele.

É necessário portanto que, os profissionais que compõem a escola de 1º grau dêem oportunidade e liberdade à criança de experienciar o mundo concreto das coisas, para que a educação possa ter significado para ela, e esse processo de transformação ficaria mais fácil, se todos os envolvidos tomassem ciência dessa realidade e assumissem a responsabilidade de um trabalho conjunto, visando o bem estar da criança, e não o comodismo individual e a falta de coragem de mudar. Citando Medina (1987) :  
" Nós, profissionais envolvidos com a Educação e a Educação Fí-

sica, não podemos estar preocupados em formar seres iguaizinhos a nós mesmos. Todo o processo pedagógico crítico deve permitir que as pessoas envolvidas nele possam ser elas mesmas. Deve permitir que aprendam apenas os elementos necessários ao seu desenvolvimento em comunhão com os outros e o mundo"(pag 106).

Existem as excessões, e encontramos professores que valorizam as idéias de seus alunos, e vêm a educação física, como uma aliada no processo ensino-aprendizagem. Possuem uma postura mais liberal e preferem deixar o "pedestal" do professor-autoritário e juntar-se aos alunos e a sua criatividade, correndo riscos em relação à curiosidade de cada um, sem contudo perder sua autoridade perante a classe.

Atualmente, a educação física está passando por uma crise de transformação: após um longo período em que sua prática se parecia, mais com exercícios de ventriloquia, movimentos de fantoche, que serviam às ordens institucionais de um sistema sócio-político-econômico injusto, mas inquestionável, se depara agora contestando a Educação Física Tradicional e gerando uma massa crítica em relação à nossa própria prática.

Observamos uma educação física que procura deixar para trás suas práticas adestrativas e centralizar-se numa educação voltada para a autonomia. Em busca dessa prática educacional, trataremos a seguir de alguns tópicos que ainda constituem obstáculos para uma educação mais libertadora.

## 2.2. "Competência" na Diretividade e no Rendimento

A nossa sociedade está cada vez mais voltada para o consumismo, onde o materialismo é a principal característica das relações sociais e a vontade de possuir das pessoas cresce a cada dia. Rubem Alves (1986) faz uma relação entre os dinossauros extintos e a nossa civilização, onde coloca o gigantismo de ambos como ponto comum, onde em todo processo de crescimento chega um momento em que as necessidades são maiores que os recur-sos. Os dinossauros não sobreviveram, pois suas refeições se tornaram cada vez mais difíceis, até culminar na sua extinção.

Já para as lagartixas ( parentes próximas dos dinossauros ) uma quantidade mínima de insetos era suficiente para a vida continuar. Supondo-se que as lagartixas falavam, era grande a vontade delas crescerem iguais aos dinossauros; e o mesmo acontece com os países subdesenvolvidos, que procuram o crescimento sem se dar conta dos perigos que o acompanham.

Alves na mesma obra, faz outra comparação entre um ba-lão de borracha e o nosso mundo, e adverte que balões não arrebentam pela metade, e quando estouram é por inteiro e não ape-nas do lado que cresceu mais. Embora nossa sociedade esteja dividida entre ricos e pobres ( sendo esta a grande maioria ), a hora que esse " balão " estourar, todos sofrerão as consequên-cias sem discriminação e de nada valerá o poder.

Resta então, procurar compreender enquanto há tempo , que o que somos é resultado de uma história que fizemos e que somos capazes ( se quisermos! ) de estabelecer uma relação harmoniosa com a natureza e com os demais. O problema é que o ho-mem vem mais e mais optando pela quantidade em oposição à qua-lidade.

(Alves,1986)" Na verdade desde muito cedo somos convencidos de que nossas capacidades intelectuais e valor pessoal se medem por meio de 'notas' que, por sua vez, na vida acadêmi-ca, se transformam em 'créditos'- palavra retirada do jargão

bancário. A vida como um grande banco, as relações humanas como débitos e créditos; qualidade reduzida a um capital depositado. Não é necessário dizer do desapontamento dos pais que recebem a notícia de que o filho, iniciado na promissora carreira médica' de cirurgia, tenha abandonado tudo para ganhar um pouco de paz de espírito num artesanato pobre ou como monge de uma ordem religiosa..."(pag 32).

Ocorre que, a nossa sociedade está infestada de " armadilhas que procuram desviar a nossa atenção, da manipulação dos que mantêm o poder sobre a classe pobre (dominada), e isso influi diretamente no distanciamento cada vez maior, em que se coloca a criança das coisas que lhe dão prazer, em favor dos interesses dos adultos e suas ambições.

Podemos constatar que, na camada menos privilegiada , a criança desde tenra idade já tem um fardo pesado sobre os ombros: trabalhar para ajudar a família que vive na miséria. Essa criança quando chega na escola (se chega!) é desnutrida, apresenta problemas de aprendizagem e não consegue acompanhar as outras crianças no " rendimento " escolar, e é logo taxada de fra ca ou " diferente " entrando na fila dos que vão repetir a mesma série no próximo ano. Na camada privilegiada da sociedade(rica), a criança é igualmente "roubada" de sua infância, só que de outra maneira: ao invés de trabalhar, ela tem que se especializar para tornar-se um adulto dominante e não um dominado, e isso requer tempo, que ao invés de ser gasto com brincadeiras adequadas à sua idade, é utilizado com cursos de inglês, computação, que na visão materialista é muito mais proveitoso e rentável no futuro. Alves(1986), " E me lembro mais uma vez do Pequeno Príncipe, que se encontrou com o vendedor de pílulas para economizar tempo. Isto mesmo. Argumentava ele: para beber água uma pessoa deixa seus afazeres, dirige-se ao filtro, toma o copo, enche-o e bebe. Tudo isso demanda tempo. E, como todo mundo sabe, tempo é dinheiro. Uma pílula que mata sede significa economia de tempo, mais tempo usado em coisas úteis, produtivas. E que é que você faz com o tempo que se economizou? pergun-

tou o princepezinho. Você o usa para fazer o que quiser", responde o vendedor. " Ah, fazer o que eu quero... Se eu tivesse tempo de sobra, o que eu gostaria de fazer é enfiar as mãos no bolso e ir andando até a fonte, beber água..."(pag 33).

Aqui nesse trecho, pode-se notar a diferença de pensamento da criança e do adulto, e perceber que o que é importante para um, não o é para o outro. A escola colabora para reforçar essa visão materialista ( consumismo ) de sociedade, à medida que procura formar seus alunos de acordo com as necessidades do mercado de trabalho, tanto na qualificação moral, como em termos de valores comportamentais, onde se apregoa que o bom aluno é aquele que não levanta da cadeira nem para ir ao banheiro, nunca questiona o professor e tira as melhores notas, nem que seja com " decoreba "; e o mal aluno é aquele que não se limita a ficar imóvel na classe e está sempre fazendo perguntas.

A grande verdade que se esconde por detrás dessas atitudes é que, essa educação castradora ( Pedagogia Tradicional ) continua sendo passada de geração a geração sem que se tome consciência do fato, pois, as pessoas estão de tal forma " cegas " que passam a viver num círculo vicioso, onde o professor sofre pressão da diretora, a diretora por sua vez sofre pressão da supervisora, esta da delegacia de ensino e assim essa " doença " ( quantidade X qualidade ) vai se alastrando e quem sofre é o aluno. Nesse caso, muitas vezes por medo de não terminar o conteúdo de sua matéria, o professor prefere ser diretivo , contando com um rendimento " X " num determinado tempo " Y ", ao invés de deixar a criança através de erros e acertos produzir tomadas de consciência e elevar o seu nível de compreensão das ações realizadas.

Para muitas pessoas ainda fica difícil a aceitação de que o desenvolvimento da criança e a aquisição de novos conhecimentos depende de desequilíbrios, visto que, a maioria das escolas estão estruturadas de forma a reforçar a idéia de or-

dem, de estabilidade, de certezas, que impedem a criança de mostrar que através do seu próprio erro, ela pode ser capaz ( com a ajuda do professor ) de chegar a um bom resultado.

Como já foi dito anteriormente, existe diferença entre o pensamento de um adulto e de uma criança, o que é errado para um, nem sempre é para o outro. Por exemplo, em muitas aulas de educação física, o professor está sempre induzindo as crianças à falarem baixinho, à andarem devagar, quando na verdade o que a criança realmente quer fazer é o contrário: correr, gritar... Mas acontece que, pela própria estrutura escolar, o professor acaba sentindo-se tolhido em suas aspirações e age em concordância com o senso comum, onde na idéia do adulto, o barulho atrapalha o ambiente de estudo, a corrida gera " algazarra " e estimula a criança a soltar-se e comprometer o domínio dos adultos sobre a mesma.

Muitos professores pensam que a sua capacidade profissional está intimamente e tão somente, ligada à aprovação da maioria de seus alunos para a série seguinte. Em relação à Educação Física, não adianta o professor entender o rendimento de seus alunos, a partir do que ele ( professor ) determinar como objetivo a ser alcançado, isto é, o desenvolvimento da criança, não pode ser determinado pelo resultado que a maioria da classe alcança, e sim individualmente, considerando-se os avanços que a mesma alcançou em relação ao que lhe foi ensinado. Numa brincadeira de tiro ao alvo com latinhas vazias e bolas de meias, é claro que, o que se pretende em primeiro plano é trabalharmos a coordenação viso-motora dos alunos, mas quando deparamos com uma criança " tímida ", que não participa de quase nada e de repente fica motivada com essa brincadeira, mesmo que ela não acertar adequadamente o " alvo ", o mais importante é a sua socialização com o grupo.

Essa sensatez nem sempre se faz presente na cabeça dos professores, basta atentarmos para o fato de que são vítimas aqueles alunos que encontram dificuldades em vencer alguma compe

tição e deparam com um professor que se preocupa apenas em elogiá-los, em premiar os " vencedores ", esquecendo-se que na ausência de um perdedor não poderia existir um vencedor. Essa maneira de agir é seqüela da Pedagogia Tradicional, onde a cobrança de um resultado positivo sem margens à possíveis erros ou derrotas era marcante.

Atualmente, o que se procura é levar o aluno a aprender a pensar, para que no futuro ele próprio seja capaz de solucionar seus problemas, para tanto é preciso abrir espaços à criança, permitindo sua participação no processo educativo. É respeitar o nível de maturação de cada um, como por exemplo: numa atividade de pular corda, vemos alunos que conseguem " entrar " na corda com a mesma estando em movimento, outros sabem pular, mas não conseguem entrar, e ainda há aqueles que não conseguem pular, pois não têm coordenação suficiente para elevar os pés do chão e transpor um obstáculo. Isso precisa ser entendido, e as diferenças respeitadas para que o aluno consiga superar suas dificuldades; e esse caminhar supõe compreensão, afetividade e exige uma sensibilidade maior dos professores às " carências " dos alunos, procurando valorizar o seus progressos, e não visando apenas o " produto " final, tratando a criança como mercadoria.

### 2.3. Hábito de Passividade e Disciplina Corporal

" O patinho que não aprendeu a voar " de Rubem Alves (1987), tem muita coisa em comum com a disciplina corporal ' que é imposta em nossas escolas.

A historinha é de uma família de patos, onde havia ' um patinho que não quis aprender a voar juntamente com seu pai e os outros irmãozinhos. O tempo passou, chegou o inverno e os patinhos aprenderam a voar e serem livres; como verdadeiros patos selvagens que eram.

Taco, o patinho que não aprendeu a voar, acabou virando pato doméstico: vivendo num cercado e tendo um dono. Então, passou a entender o que seu pai dizia e percebeu que era um pato domesticado, muito gordo, músculos moles, com a asa cortada ( seu dono a cortou! ), o que impossibilitava-o' de voar.

( Alves, 1987 ) " Nesta hora abriu-se a porta do cercadinho e seu dono jogou um punhado de milho.

Mas ele não tinha fome ". (pag 24)

Algo muito parecido à essa história se passa atualmente com os homens, onde a alienação ceese a cada dia, e as pessoas tornam-se apáticas em relação ao destino de suas próprias vidas. Esse quadro se repete também nas escolas, onde o comportamento ideal é aquele em que não existe o questionamento, não há a dúvida , mas também não existe a certeza, e ao se pensar assim, passa-se a acreditar que este é o melhor dos mundos possíveis e que não há nada de errado com ele.

Em termos educacionais, o que se constata em algumas escolas é um " bando " de professores " domesticados " que , ao invés de ensinarem seus alunos a " voarem ", continuam reforçando a " pedagogia do pato doméstico ". Vemos crianças ' em sala de aula sendo tratadas como " robôs ", aptos apenas para receber a informação que lhes for dada; sendo subestima

dos em seu potencial criador. Especificamente em educação física, muitas vezes cometemos o erro de querer ensinar determinados movimentos, jogos e brincadeiras que não têm proximidade alguma com o cotidiano de nossos alunos, é o caso por exemplo, de se montar uma sequência rítmica de G.R.D. ( Ginástica Rítmica Desportiva ) com maçãs, para crianças que moram em favela e nunca ouviram falar em G.R.D..

Será muito natural à elas , e desastroso ao professor se as mesmas utilizarem os tais " pauzinhos " para improvisar um campo de futebol e jogar uma " pelada " com qualquer outro material ( latinha vazia, bola de papel, etc...) que sirva de bola.

Talvez fosse mais proveitoso, iniciar esse trabalho a partir do futebol, para depois chegar até a G.R.D.; dessa forma estaríamos levando em consideração a cultura dessas crianças e ao mesmo tempo ampliando o seu universo com novas que lhes possibilitasse acesso á cultura erudita. O grande mal é justamente bloquear esse conhecimento que as crianças possuem como se ele fosse ruim, e apenas o que a escola tem a oferecer fosse o bom, o certo; induzindo a criança a tornar-se insegura diante da sua própria realidade tornando-se passiva em relação ao processo ensino-aprendizagem.

Essa atitude passiva leva a criança a se fechar para o mundo, e dificulta muito o seu processo de socialização , o que contradiz a posição da escola enquanto instituição, a qual exige que o aluno leia, escreva, calcule, enfim, que compartilhe linguagens comuns a uma sociedade, e não permite uma prática coletiva, pois, exige uma atitude socializada, mas obriga as crianças a se isolarem umas das outras, sentadas em suas carteiras a resolver suas tarefas individualmente.

(Moreira e Francischetti) " Nietzsche critica a civilização ocidental, em especial sua forma de educar, argumentando que ela desenvolve o instinto da tartaruga "(pag 07); que tem muito a ver com a " pedagogia do pato doméstico " já vis-

ta anteriormente.

As nossas escolas levam as crianças a se esconderem di-  
ante do perigo, estamos formando uma geração medrosa, incapaz  
de se rebelar contra algo que a reprime, salvo as excessões.

Nós professores estamos impregnados desse espírito de  
" tartaruga ": sempre reagimos às novas propostas porque tam-  
bém fomos , de tal forma educados que, perdemos a nossa agres-  
sividade, ou melhor, ela foi camuflada, escondida de nós mesmos  
e agora não temos coragem suficiente para transpor os obstácu-  
los que se encontram à nossa frente. E fica difícil transmitir  
algo que não se teve a oportunidade de vivenciar, visto que, se  
faz urgente que o professor se identifique com o espírito da  
águia e possa vencer seus próprios mēdos e em consequência dis-  
so, levar seu aluno a se sentir forte e ir à luta descobrindo  
seu corpo, seus movimentos e suas potencialidades.

Ocorre que, ainda se valoriza muito o aspecto cognitivo  
e se esquece de valorizar o movimento e a atividade física co-  
mo maneira de educar, basta olhar para a divisão de espaço que  
se faz nas escolas, onde o lugar reservado à educação física é  
bem reduzido se comparado ao espaço das salas de aula, secreta-  
ria, sala de diretoria, sala de professores, biblioteca, etc.

Realmente o corpo fica em segundo plano em detrimento à  
mente, e segundo Lapierre e Bernard Aucouturier(1980) de nada a  
dianta a escola tentar desenvolver na criança os aspectos cogni-  
tivos ignorando as questões afetivas que emergem intensamente  
nas atividades infantis.

É preciso saber que, quanto mais nova a criança, maior  
será a resistência para sufocar um desejo, e ter também consci-  
ência de que o homem é um ser social; mas para sua interação em  
grupo ele precisa de tempo para sua maturação biológica, as  
coordenações espaço-temporais, a formação da imagem corporal, o  
desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos... e muitas ou-  
tras atividades cooperativas que não podemos esperar de crian-  
ças pequenas. Porém, falta à determinados professores entender

que o desenvolvimento ( do seu aluno ) não se processa ( como alguns gostariam que fosse ! ) de acordo com uma simples relação matemática. Não dá para se contar em dias ou anos, os períodos do desenvolvimento, mas em produções, que têm a ver com as condições biológicas, econômicas, culturais, etc.

Porém, o que frequentemente acontece na escola é que, a criança ao chegar na mesma com sete anos, tem toda uma expectativa sobre si; a escola a imagina um sujeito com nível bastante elaborado de socialização, e partindo desse pressuposto passa a lhe "cobrar" atitudes de adulto. Daí, surgem as falhas no processo educacional ditado pela escola, onde vemos os alunos imobilizados em lugares pré-estabelecidos, e sujeitos a um complexo conjunto de regras à eles incompreensíveis.

Dando-se ênfase ao fato de que, para compreender as regras e conseqüentemente não transgredí-las, a criança precisa participar de sua construção, e essa participação, tem no espaço da atividade física, especialmente no jogo, um espaço privilegiado de manifestação, onde o professor deve estimular os alunos a utilizar as regras aprendidas como recurso de convívio; porém não são poucas as vezes em que a transgressão das se refletem numa aula de educação física. As crianças ao deixarem a sala de aula para se dirigir à quadra ( pátio ) se imaginam libertas de uma prisão, e de nada adianta "proibir" as mesmas de opinar sobre as coisas.

Principalmente na classe, percebemos que a criança é grandemente "roubada" em sua liberdade de expressão, e ao ficarmos com elas em sala de aula, percebemos que a todo momento querem levantar para: jogar papel no lixo, ir ao banheiro, apagar a lousa, contar sobre o cachorrinho ou a mãe que teve nenê, e coisas as mais diversas.

Essas atitudes demonstram a falta de diálogo, tanto verbal quanto corporal, pois geralmente a professora de classe não permite que se levantem da carteira, à não ser quando

são solicitadas ou então, quando bate o sinal do recreio e to do mundo sai correndo. Já na educação física, muitas vezes acontece o contrário em relação ao recreio, e as crianças ficam querendo mais aula, talvez por sentirem maior liberdade. Às vezes temos necessidade de sermos "severos", mas é justamente porque as crianças (algumas) usam a educação física como "válvula de escape", e querem transgredir todas as regras.

Outro erro, é deixarmos outros professores utilizarem para "castigar" os alunos que não obedecem; isso reforça a idéia de que o corpo fica melhor quando imóvel num canto qualquer. Essa postura impede a criança, tanto integrar-se num grupo, como desenvolver suas aptidões pessoais ou consolidar sua imagem de corpo.

Uma das críticas em relação à educação física é justamente que, permite ( dependendo do professor ) um "espaço" para o exercício da autonomia, da independência e da cooperação entre as crianças, e assusta àqueles que fazem valer o autoritarismo de "dono-do-saber".

De modo geral, tanto os professores de sala de aula como os de educação física, não possuem estrutura afetiva para suportar a relação com corpos livres em movimento. É preciso ter convicção daquilo que se faz, pois não são todas as pessoas que ficam à vontade quando são agarradas, beijadas? tanto por crianças bonitas, limpinhas, cheirosas, como por crianças "feias", sujas e fedidas. Sendo que se cobra mais do professor de educação física, o conhecimento e o domínio de seus conflitos, antes de iniciar seu trabalho pedagógico; isso porque o professor de classe não se acha no dever de trabalhar o corpo do aluno, apenas a mente, como se fosse possível essa dicotomia corpo-mente. Mesmo na educação física, ainda hoje a disciplina corporal imposta continua sendo reforçada, onde vemos a separação de sexos, mesmo que na classe tenha mais meninas, formam-se uma coluna enorme de meninas e outra curta com os meninos; o preconceito de que menina não pode jogar futebol, menino não pode dan -

çar; enfim uma série de suposições que acabam fazendo a criança calar-se diante da "seriedade" da educação escolar.

Seriedade essa, que levou e continua levando à falência o ensino escolar, e como não bastasse ainda se ouve dizer, ' que está faltando mais rigidez nas formas disciplinares.

Esse assunto é bastante delicado, pois de um lado é a direção da escola que pressiona, e de outro é a formação da personalidade da criança que está em jogo. Vale a pena optar pela segunda, e deixar de justificar a disciplina corporal como meio de aprimorar o ensino, afinal, criança quieta não é sinônimo de criança inteligente, e nem criança "parada" é sinônimo de criança educada.

Buscando uma forma de amenizar esse confronto, entre a educação e ordem, o qual insiste em gerar no aluno uma visão crítica de mundo, seria dar uma atenção maior à alguns princípios da Educação que sugerem deixar de lado o tecnicismo didático, a racionalização da educação cognitiva e a disciplina corporal e valorizar uma educação mais participativa e consciente.

### III - PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOB VALORES DIFERENTES

#### 3.1. Superar a dualidade corpo-mente

A sociedade impõe essa dualidade a si própria, sobre o homem, onde o pensamento se sobrepõe sobre a matéria. Esta dualidade afirma Manuel Sérgio (1983), engrandece ainda mais os ricos, elevando ao plano superior as atividades espirituais e resigna cada vez mais os pobres, condenando as práticas corporais e a cultura física, e com isso, as atividades corporais acabam reduzidas ao adjetivo físico, significando educação do físico, do corpo, da substância material do homem. O que torna por isolar erroneamente, a Educação Física de um contexto histórico e social.

Passando-se rapidamente pela história da Educação Física no Brasil, segundo Lino Castellani Filho (1988), veremos que ela teve um momento onde foi só corpo, a Biologização, que reduzia justamente o estudo da explicação e da compreensão do homem em movimento à "Performance Esportiva", outro momento em que foi só mente, em fins da década de 60 e início de 70, com o reducionismo psico-pedagógico que se preocupava apenas com a capacitação técnico-profissionalizante originária de mão-de-obra qualificada.

É exatamente em decorrência dessa trajetória histórica que na escola, a educação física é entendida por grande número de pessoas, como sendo a disciplina que trabalha somente o cor

po, e bem porisso, visa apenas o rendimento físico. Posto que, o professor de educação física que não mostrar "serviço", através de gincanas, danças comemorativas, geralmente é visto como comodista ou incompetente, o mesmo acontecendo aos alunos, sendo que os que sobressaem nas atividades físicas, são valorizados e os que possuem menos habilidades acabam discriminados.

É preciso entender que, o movimento não se reduz a um ato puramente biomecânico, vai mais além, seja ele codificado, (gesto desportivo), seja ele criado (expressão), não é algo apenas explicado pelas funções orgânicas (anatomia/fisiologia), por tendências naturais e mágicas, pelo contrário é histórico e social.

Tanto a educação cognitiva, como a educação motora, precisam estar unidas em benefício do aluno, e procurar apagar essa marca da separação do trabalho manual e intelectual, que começou a se fazer notória a partir de 1970, onde a palavra Lazer começou a ser ouvida com mais frequência. Antes disso, a nossa população era rural e não havia ruptura do trabalho/lazer, isto é, na sociedade tradicional, o trabalho era mais afetivo e artesanal, e as pessoas eram uma unidade, mas após a Revolução Industrial, o trabalho começou a se tornar alienante e as pessoas passaram a ser vistas por "partes" (divididas), e com esse advento surgem as lutas pela regulamentação e redução da jornada de trabalho dos operários e as reivindicações para um tempo específico, para o próprio Lazer.

A partir daí, os "donos do poder", aproveitando-se dessa palavra Lazer, passaram a criar parques infantis onde se empregavam os filhos dos operários, com a falsa suposição de que era melhor para as crianças (e para seus pais também), estarem "ocupadas" (exploração da mão-de-obra infantil) enquanto seus pais trabalhavam; ao invés, de ficarem pelas ruas, que na visão moralista era nocivo.

Ainda hoje, está presente a intenção de camuflar o aspecto meramente de produção, dando-se ao Lazer uma aparência de prazer, e embora com estratégias diferentes, a alienação

continua a mesma e pode ser vista , também nas escolas. Por exemplo, o Lazer é condenado na escola, porque dentro da visão consumista, Lazer não produz, se não produz, não se pode mensurar, e se não é mensurável não tem valor.

A escola no geral, se apoia em números, quero dizer, é totalmente voltada para os aspectos mensuráveis das coisas, e com isso, valoriza muito o intelecto (onde o professor avalia o aluno através de notas) e menospreza o corpo, onde a avaliação é feita qualitativamente, levando-se em consideração o desenvolvimento individual da criança, e não quantitativamente igualando-se a todos.

Um dos meios para superar essa dicotomia corpo-mente, é utilizando-se dos jogos, do brinquedo, da cultura infantil, e como diz Freire(1989): " Sugiro que a cada início de ano letivo por ocasião das matrículas, também o corpo das crianças' seja matriculado "(pag 14), pois, a criança é toda movimento' e já traz consigo uma "bagagem" cultural própria, que a escola teima em não aceitar.

Bem porisso, é que antes de tudo, o educador tem que conhecer-se a si próprio, ter vivenciado sua infância; enfim, dar-se o direito de fantasiar a vida (realidade), para que possa transmitir uma educação conceitual(conceitos) aos alunos, sem prejuizo das atividades corporais(material). Sendo que, as próprias crianças fazem comparações entre as atitudes de um e outro professor, pois é simples notar a diferença entre uma pessoa que considera-o seu corpo , como parte integrante de si mesma, e outra que prefere esconder, negar esse corpo. Por exemplo, normalmente os alunos costumam fazer uma manifestação com palmas, quando o professor de educação entra na classe, e são advertidos pela professora de classe, que chama alegria de "bagunça".

São professores assim, que ajudam a perpetuar essa "ordem", impondo um controle mesquinho sobre as nossas emoções, digo nossas, porque somos igualmente censurados pelos'

próprios colegas de trabalho.

(Moreira) " É preciso mudar essa escola, onde é permitido proibir e proibido permitir "(pag 09), e entender que a criança aprende captando as habilidades através do corpo, imitando hábitos e atitudes das pessoas que a rodeiam, e o exemplo tem que partir do adulto, do professor, que deve dar espaço à afetividade dentro do processo educativo.

A participação do professor, seja de sala de aula ou de educação física, é muito importante para o desenvolvimento dos alunos, compartilhar experiências e atividades no meio deles é gratificante. Não é nenhum absurdo, de vez em quando, o professor inverter os "papéis" na escola: colocar-se no lugar do aluno e deixar que o aluno sintá-se professor.

Pular corda, brincar de pega-pega, deixar-se pegar , jogar queimada... utilizar-se disso para reforçar os conceitos na criança, e procurar transpor os obstáculos que separam corpo e mente, educação corporal e educação cognitiva , deixando de enxergar a criança por partes e entendendo-a como um todo (unidade).

### 3.2. Valorizar a ludicidade e a criatividade

O Lazer está vinculado à ludicidade, e não significa como se pensa, o espaço entre o tempo de trabalho e o descanso, e sim, tem a função de descanso incorporado à ele. Existe uma relação entre Lazer e Ócio que, assusta as pessoas que mantêm o domínio sobre outras, pois o Ócio (tempo livre) permite que a classe dominada (trabalhadores) analise suas condições de vida e reconheça a sociedade, como uma sociedade que visa a produção.

Paralelamente a essa realidade, o que ocorre é que a classe dominante está cada vez mais controlando a vida das pessoas, e como diz Alves (1986) o primeiro princípio para o controle da imaginação, está em se criar inúmeros objetos de desejo, que despertem a atenção do indivíduo, de forma que a mente se mantenha em movimento, indo de um a outro sem nunca transcendê-los.

(Alves, 1986) " A imaginação não pode competir com as maravilhas que nos são oferecidas todos os dias. Novos carros, novos brinquedos, novos vestidos, novos cosméticos e uma fantástica profusão de quinquilharias, que vão desde coedores de costas automáticos e sem fio, até vibradores elétricos para produzir orgasmos. Em geral, a imaginação não tem tempo e capacidade para perseguir as suas próprias aspirações. Nosso sistema de produção preenche todos os horizontes com produtos pré-fabricados, e a única iniciativa a nós deixada é escolhê-los...e comprar"(pag 46).

A escola não é diferente, e lá também, a criatividade e a imaginação são tolhidas, e como se já não bastassem esses produtos industrializados que cada vez mais se parecem aos objetos dos adultos, tirando toda a magia da criança em fantasiar a realidade, ainda se vê professores que só permitem que o aluno responda o que lhe é perguntado. E, na maioria das vezes, substituindo o diálogo temos uma lousa cheia

de exercícios, e muitas folhas mimeografadas (prontas) onde a criança não tem chance de usar a própria imaginação, para fazer sequer um desenho; o conteúdo se apoia na quantidade e não na qualidade.

Pouca importância se dá ao prazer que a criança sente ou não, em fazer o que lhe está sendo cobrado, pois o segundo princípio de controle da imaginação é justamente que, esse prazer não deve ser livre, nem gratuito. A impressão que se tem, é que uma boa educação não combina com alegria e descontração, e que tudo tem que ser muito rígido, com professores sizudos e autoritários. Não se questiona o fato de que, dar liberdade ao aluno e promover uma educação prazerosa, onde ele tenha o direito de escolher entre várias opções, a que melhor lhe convém para chegar ao resultado desejado, é tornar possível o ato criativo.

Por exemplo, numa aula de educação física, em que o professor propõe determinado jogo, será muito mais interessante deixar que os próprios alunos, através da experiência da atividade criem regras, normas, ao invés de receberem o jogo pronto somente para ser praticado, mesmo não sendo considerado a brincadeira ideal para a maioria dos alunos. Muitas vezes, nós como professores planejamos a aula e chega na hora as crianças querem fazer tudo, menos aquilo que estamos propondo. Esse é o momento de ao invés de impormos nosso plano de aula, cedermos lugar à criatividade dos alunos.

Como aconteceu numa de minhas aulas, em que pretendia desenvolver atenção e agilidade, e tinha proposto uma brincadeira em que se numeram os alunos em círculo e um fica no meio com uma bola; o que está no meio chama um número e joga a bola para o alto, e o que foi chamado tem que pegá-la antes que caia, e assim sucessivamente. A maioria das crianças não quis essa brincadeira e mudamos para "mamãe da rua", que as motivou e a aula fluiu naturalmente.

Precisamos é mudar essa idéia de que, o professor es-

tá sempre certo, pois, nós seres humanos temos a capacidade de deixar de lado um caminho que chega ao fim, e seguir outro que pode nos levar adiante. Os animais são incapazes de deixar um antigo modo de vida para criar outro novo, já o homem não está condenado a levar adiante até as últimas e insanas conseqüências, os erros cometidos pelos seus ancestrais. O mesmo se aplica em relação à escola e seus professores e alunos, e a partir do momento que o professor suspeitar que o seu método de ensinar não está correspondendo às expectativas de seus alunos, deve procurar outros caminhos. (Alves, 1986) Segundo Harold Rugg: "A chave da natureza do ato criativo consiste em abandonar pressuposições há muito mantidas e recomeçar a partir de uma nova orientação" (pag ). E contrariamente à essa afirmação podemos constatar professores que, em contato com seus alunos por apenas dois meses, já se acham capazes de taxar a criança de "incapaz" e garantir sua permanência na mesma série. Com certeza essa atitude vai contra os princípios de imaginação e criatividade, pois deveria ser dada a chance à essa criança de se "regenerar" e superar as expectativas iniciais ao seu aproveitamento escolar. Permitir à esse aluno, cometer erros e acertos, é torná-lo consciente desse ato, pois os erros são parte importante de nossa experiência, é preciso saber reconhecê-los para evitar repetí-los.

Uma simples partida de "queimada", é de grande valia para levar uma criança à consciência crítica de seus erros e acertos; no decorrer da brincadeira ela vai percebendo que, se ficar muito próxima do campo adversário pode ser "queimada", se correr dando as costas ao outro time também, e assim ela mesma (com ajuda do professor) vai corrigindo suas falhas.

Muito importante é que esse processo de conscientização seja constante e gradativo, e principalmente que seja uma ação conjunta de todos os professores, pois não adianta na aula de educação física o aluno ter liberdade, se em sa-

la de aula o procedimento adotado é outro.

Cabe ao educador, mostrar coerência naquilo que transmite aos alunos, caso contrário, a aprendizagem deixa de ter sentido. É como insistir para que uma criança caminhe várias vezes sobre uma linha traçada no chão, com o objetivo de trabalhar coordenação e equilíbrio, sendo que, essa atividade da maneira que foi proposta, não tem atrativo nenhum. Mas se o professor criar um clima de fantasia, sugerindo que essa linha é uma ponte sobre um rio, e que para atravessá-la é preciso muito cuidado, e que nesse faz-de-conta, as crianças são seres de outro planeta e andam com "pé-de-lata" (que elas mesmas fizeram durante a aula de educação física), com toda certeza essa aula se tornará muito divertida e estará da mesma forma atingindo o objetivo proposto.

## CONCLUSÃO

A crise que tanto a educação global, quanto a educação física atravessa, está provocando uma certa "desordem" dentro do âmbito escolar.

Aos poucos, os professores vão perdendo o domínio que possuíam sobre os alunos, e mais e mais, essas crianças buscam a liberdade.

Precisamos nos conscientizar que, muitos colegas já estão deixando de lado essa educação conservadora e adestrativa e caminhando na direção de uma nova pedagogia crítica.

Esse compromisso de mudança porém, tem que ser um projeto coletivo, caso contrário, gera um criticismo, onde os professores se perdem em suas próprias divergências e não chegam à um consenso.

É preciso que a nova educação reconheça a cultura que a criança já possui, e a partir disso, permita-lhe participar de um processo pedagógico consciente, onde possam ser elas mesmas, livres para aprenderem com prazer e não com imposições.

Dentro dessa proposta de uma educação mais libertadora a educação física, também está assumindo uma postura diferente onde está deixando para trás a super valorização do rendimento (performance), e voltando as atenções para a criança - unidade.

Perceber essas diferenças individuais é fundamental para se trabalhar o todo de maneira harmoniosa, sem incorrer em

erros tais como; exigir demais ou exigir de menos, evitando-se assim, tornar o ensino repressivo e monótono respectivamente.

Através dessa nova perspectiva, em que procuramos superar a " Pedagogia do Pato Doméstico " (já vista anteriormente) que leva à alienação, vamos em busca de um processo educativo mais consciente, participativo e justo.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem, A gestação do Futuro, tradução de João Francisco Duarte Junior - Campinas, S.P.: Papyrus, 1986, 200 p.
- \_\_\_\_\_, O patinho que não aprendeu a voar, São Paulo, Paulinas, 1987, 24 p.
- BEAUDOT, Alain, A criatividade na escola, tradução de Marina Sampaio Gutierrez e Bernadete Hadjioannou, São Paulo, Editora Nacional, 1975, 126 p.
- CASTELLANI FILHO, Lino, Tendências na Educação Física no Brasil.
- FERREIRA, Vera Lúcia Costa e outros, A educação psicomotora da pré-escola à 8ª série do 1º grau.
- MARCELINO, Nelson Carvalho, A sala de aula como espaço para o "jogo do saber" - UNICAMP.
- MEDINA, João Paulo Subirá, 1984 - O brasileiro e seu corpo, Campinas, S.P., Papyrus, 1987, 136 p.
- MOREIRA, Wagner Wey, Educação Física Escolar da Ação à Reação UNICAMP.
- \_\_\_\_\_, Educação e Desordem - Um binômio a ser alcançado - UNICAMP.
- MOREIRA, Wagner Wey e FRANCISCHETTI, Maria Lúcia Guedes Pinto, Didática e Recreação da Educação Física para professores de 1ª a 4ª séries, UNICAMP/CENP.
- SÃO PAULO (estado), A educação física nas séries iniciais do 1º grau, CENP-SE.
- SAVIANI, Dermeval, Educação: Do Senso Comum à Consciência Filo

sófica, São Paulo, Cortez Editora, 1982.

SÉRGIO, Manuel, Filosofia das Actividades Corporais, Lisboa ,  
Editorial Compendium, 1983, 189 p.